



BRANQUITUDE EM FOCO: REFLEXÕES A PARTIR DO DOCUMENTÁRIO “ALÔ, PRIVILÉGIO? É A CHELSEA.”

CLÁUDIA VIEIRA SILVA SANTOS¹

MARIA DE FÁTIMA DE ANDRADE FERREIRA²

INTRODUÇÃO

Este artigo analisa as várias nuances sobre o racismo estrutural a partir de um documentário original da Netflix intitulado “Alô, Privilégio? É a Chelsea” dirigido pela produtora Alex Stapleton e estrelado em 2019 por Chelsea Joy Handler, mulher branca, jornalista, comedianta e escritora estadunidense, nomeada pela Revista *Time* em 2012 como uma das pessoas mais influentes do mundo, protagonista dessa narrativa em que retrata o privilégio de ser branco numa sociedade marcada pelas desigualdades sociais.

Apesar de ser estrelado em 2019 o documento continua a ser uma obra profundamente relevante e enriquecedora para a reflexão sobre a educação para as questões étnico-raciais e a promoção da educação antirracista. A sua importância transcende o tempo, uma vez que oferece insights cruciais que podem orientar as abordagens educacionais contemporâneas oferecendo uma oportunidade para entender as vivências, obstáculos e batalhas enfrentados pelas comunidades étnicas minoritárias. Além disso, ele destaca as vozes e pontos de vista que costumam ser excluídos ou ignorados.

No documentário, Chelsea Handler viaja pelos Estados Unidos e tem conversas francas com uma variedade de pessoas, incluindo ativistas, acadêmicos, celebridades e cidadãos comuns. Ela aborda questões

¹ Mestra em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC), pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, Especialista em Coordenação Pedagógica – UFBA. Licenciada em Pedagogia - UNEB. E-mail: klaudia_vieira@hotmail.com

² Pós-doutorado em Antropologia Social pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Doutora em Educação (UFBA). Professora do Programa de Mestrado Acadêmico em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC), Campus de Jequié-BA.



relacionadas a raça, igualdade de gênero, ativismo, equidade e justiça social, explorando o privilégio de ser mulher branca, rica e famosa. Nesse movimento, as questões levantadas encorajam os leitores a refletirem e a se envolverem na luta por uma sociedade antirracista, mais justa e igualitária.

Embora o documentário faça referência aos Estados Unidos, procuramos refletir sobre questões raciais presentes e enraizadas no contexto brasileiro, já que o Brasil possui um histórico único que merece atenção, isso porque ele foi o último país das Américas a abolir a escravidão, em 1888, o que teve um profundo impacto nas estruturas sociais e na construção das identidades raciais. A escravidão no Brasil durou quase 400 anos, esse longo período de escravidão moldou de maneira profunda as relações raciais no país e deixou cicatrizes que persistem até os dias atuais. Podemos dizer que, a abolição da escravatura no Brasil foi tardia se comparada a outros países, essa diferença no tempo de emancipação teve consequências significativas para a configuração da sociedade brasileira além do mais, a liberdade foi concedida sem políticas efetivas de inclusão e reparação para a população negra recém-libertada, por isso, as desigualdades raciais que assolam o país, demarcam lugar de branco e lugar de preto desde o acesso desigual à educação, ao mercado de trabalho até a representação política.

Nesse sentido,

Para entender a branquitude é importante entender de que forma se constroem as estruturas de poder concretas em que as desigualdades raciais se ancoram. Por isso, é necessário entender as formas de poder da branquitude, onde ela realmente produz efeitos e materialidades (SCHUCMAN, 2012, p. 23).

Assim, é crucial ter um conhecimento profundo da história da escravidão no Brasil e das suas repercussões no intuito de compreender sobre os privilégios associados à branquitude e ao racismo no país.

A análise aqui apresentada busca desnudar a branquitude em três cenas do documentário "**Alô, Privilégio? É a Chelsea**" em diálogo com autores



como Schucman (2012), Cardoso (2014), DiAngelo (2018), Almeida (2021) dentre outros, nos fazendo refletir sobre de que forma as pessoas negras são inferiorizadas e violentadas culturalmente através de situações que aparentemente são inofensivas, mas que marcam a ferro a vida dessas pessoas.

A Transcendência nas Cenas para além das aparências...

Chelsea Handler inicia o documentário “Alô, Privilégio? É a Chelsea” apresentando sua linda mansão e falando do sucesso de sua carreira, graças é claro ao seu esforço. Seria isso mesmo? Não sei! Suas qualidades fenotípicas pulsavam em sua aparência expressiva, merecedora nata de muitas regalias. Admite ser beneficiária de privilégios raciais simbólicos e materiais, inclusive por ter tido a oportunidade de ser a apresentadora do referido documentário.

Como podemos perceber, o foco da obra é o privilégio branco. Para isso, Chelsea Handler decide sair de sua confortável casa, para fazer uma longa viagem com seu motorista particular, que por coincidência, ou não, é um homem negro “demarcando seu lugar!”. Em seu percurso documental ela visita vários ambientes como: ONGS, escolas, comunidades com pessoas brancas e negras, enfim, ela busca romper o silêncio e entender como usar seus privilégios para promover mudanças e apoiar aqueles que estão lutando contra a discriminação racial e a injustiça social. Sua principal indagação: - *Como posso ser uma branca melhor?* É nessa perspectiva que o documentário se desdobra, focando falas e situações diversas.

A primeira cena traz a participação da apresentadora em uma reunião de estudos sob a liderança de Jody David Armour, um pesquisador da relação entre Justiça Racial e Estado de Direito, professor da Universidade do sul da Califórnia. Ela se defronta com um espaço desafiador com jovens que sentem na pele “a cor da sua pele”. Chelsea é bombardeada por frases de um jovem negro, que proclama com alta voz ao andar em sua direção: “Se você



soubesse a rotina que eu sou obrigado a ter para acomodar sua fragilidade..." dentre outras frases como: "nossas vozes são limitadas"; "privilégio para mim é ser ouvido"; "somos desprovidos de direitos racialmente e socioeconomicamente"; "tenho que mudar meu jeito de falar e andar para que você se sinta menos intimidada?"

Nessa situação, fazemos referências as palavras de Spivak (2010) em seu livro "Pode o subalterno falar?" A indignação dos jovens negros naquele momento ficou evidente, a simples oportunidade de ter suas vozes ouvidas poderia ter um impacto significativo nas vidas desses indivíduos. Nesse sentido, a autora Spivak (2010) levanta questões profundas sobre a representação, o poder, a opressão e a capacidade dos subalternos de se fazerem ouvidos em um mundo pós-colonial.

Mas, o que mais chocou Chelsea naquele momento, foi o discurso de uma jovem negra que, enfaticamente, questionou a legitimidade e utilidade social da pesquisa explorada por ela, uma mulher branca e rica. Insinua com palavras que Chelsea seria mais uma oportunista que não renunciaria seu privilégio branco disposta a encarar qualquer adversidade, a partir de um lugar confortável e imponente. Essa experiência causou um grande impacto na jornalista. Ouvir aqueles jovens num debate intenso e complicado, foi de certo modo reconhecer sua fragilidade enquanto minoria naquele espaço. Uma espécie de "medo branco" (AZEVEDO,1987). Para Azevedo (1987), o medo branco emerge quando uma pessoa branca se vê diante de um indivíduo negro que está assertivo em sua independência, e a interação entre eles não envolve a supremacia branca, mas sim adota uma visão crítica que revela a fragilidade da identidade branca. É nesse ponto que o medo se torna evidente.

Quando se trata da perspectiva de pessoas brancas em relação aos privilégios associados à sua cor de pele, as opiniões costumam ser conflituosas, uma vez que muitos não reconhecem que possuem privilégios devido à sua raça. Ainda é evidente a existência de discursos profundamente arraigados



quando se discute esse tema, vejamos: “Fui criado com negros, brincava com eles, não acho eles diferentes de mim”, “somos todos iguais”, “privilégio branco não existe as pessoas inventam!”,

Essas declarações feitas por pessoas brancas têm o efeito de suprimir outras vozes, especificamente as vozes dos marginalizados. Essas afirmações funcionam como uma forma de evasão de suas responsabilidades como sujeito antirracista, esses discursos indicam que estamos diante de um tipo particular de racismo, um racismo silencioso e que se esconde por trás de uma suposta garantia da universalidade e da igualdade entre as pessoas.

Nesse sentido, Robin DiAngelo (2018) coloca:

Os brancos invocam esses discursos aparentemente contraditórios – somos tão únicos quanto somos todos iguais – de forma intercambiável. Ambos os discursos trabalham para negar o privilégio branco e o significado da raça. Além disso, no nível cultural, ser um indivíduo ou ser humano fora de um grupo racial é um privilégio concedido apenas às pessoas brancas (DIANGELO, 2018, p. 44).

Parece ser fácil se perceber como branco, no entanto é tarefa difícil reconhecer seus privilégios. No contexto cultural brasileiro existe uma dura realidade, a denominamos de “democracia racial” que mascara e persiste em manter as estruturas sociais rígidas. As desigualdades sociais precisam ser enfrentadas por todos para tornar possível um mundo melhor, mas brancos tem medo de perder seus privilégios à medida que o reconhecem. Nessa jornada, a comediante explora ambientes predominantemente habitados por pessoas brancas para validar suas observações.

Em uma segunda cena, a protagonista do documentário ao participar de discussões com mulheres identificadas como conservadoras, notou o desconforto delas quando questionadas sobre a existência do privilégio branco. Essas mulheres embora não concordassem com a existência do privilégio branco, foi ativado naquele momento o mecanismo de autodefesa reafirmando: “*privilégio branco nunca conseguiu um emprego pra mim, nunca cheguei a um cargo por ter privilégio*”, “*O que existe é o desprivilegio*”



do negro". A conversa se torna tensa quando uma das mulheres expressou a opinião de que cotas raciais representam um privilégio concedido aos negros. Essa perspectiva é compartilhada por muitas pessoas, sublinhamos aqui, especificamente, a importância de compreender a história por trás das políticas de cotas. As cotas raciais, na verdade, servem como uma medida de reparação social, uma tentativa de corrigir desigualdades profundamente enraizadas. Historicamente, os negros foram submetidos a condições extremamente precárias, desde os tempos da escravidão, o que perpetuou a marginalização e a pobreza em suas vidas. As políticas de cotas visam, portanto, equilibrar essa desigualdade histórica e proporcionar uma oportunidade justa de ascensão para aqueles que foram historicamente oprimidos e desfavorecidos. É crucial compreender essa perspectiva histórica para apreciar o propósito das cotas raciais na busca por uma sociedade mais justa e equitativa.

Como podemos observar o racismo é muito mais do que preconceitos individuais, é uma manifestação sistêmica do domínio exercido pela comunidade branca sobre o controle e acesso a recursos, serviços, posições de poder e a moldagem das identidades na sociedade. Portanto, não é uma questão simples que possa ser resolvida facilmente, pois está profundamente enraizado na estrutura de uma nação perpetuada ao longo das gerações. Silvio Almeida (2021) enfatiza que o racismo estrutural não apenas limita as oportunidades para as pessoas de cor, mas também as empurra para as margens da sociedade, já que o racismo se configura como um mecanismo para a perpetuação das desigualdades econômicas e sociais, afetando principalmente as minorias raciais, além disso, o racismo vem se tornando um problema que afeta não apenas as pessoas de cor, mas tem ramificações que atingem todas as raças, por isso, é essencial compreender por que tais medidas são necessárias e como elas contribuem para que as barreiras impostas pelo racismo sistêmico possam ser gradualmente superadas. Almeida (2021) ainda argumenta que a luta contra o racismo estrutural exige



ações concretas, como políticas de inclusão, a promoção da igualdade racial e a conscientização sobre as formas sutis e não tão sutis de racismo que permeiam a sociedade.

Enfim, a terceira cena diz respeito a uma declaração feita pela própria autora, que sustenta toda uma ordem social a favor do branco em detrimento do negro, ela relata que aos 16 anos de idade, se relacionou com um jovem negro que estava envolvido com tráfico de drogas. Ela compartilhou com ele muitas experiências arriscadas em sua vida, incluindo dirigir sob efeito de álcool e usar outras substâncias ilícitas. Em várias ocasiões, ela foi abordada pela polícia junto com o namorado. No entanto, eles que receberam tratamentos distintos por parte das autoridades, e a diferença notável estava associada ao fato de ele ser negro, um marcador social que influenciou esses tratamentos.

Eles tomaram rumos de vida distintos, o que não é surpreendente. A diferença de cor de pele entre eles teve um impacto significativo em suas trajetórias, resultando em uma situação na qual ele passou 14 anos na prisão, enquanto ela procurava progredir em sua vida pessoal e profissional resultando em vidas completamente opostas. Após 14 anos de separação devido à prisão, eles se reencontraram e, com hesitação, ele compartilhou uma confissão: *“muito louco isso, eu estava na cadeia e te via fazendo apresentações na TV, eu poderia dizer que te conhecia, mas eles jamais acreditariam em mim!”*

Nesse sentido, a narrativa nos mostra que existe uma grande disparidade de encarceramento entre jovens negros e brancos, um jovem negro tem mais chance de ser preso do que um jovem branco ao cometer delitos na mesma proporção. *“As respostas são diferentes quando jovens negros cometem delitos”*. O impacto racista é paralisante! Diante disso, surge a indagação sobre como é possível que haja tamanha desigualdade racial em um país onde a maioria dos brancos afirma que a raça já não desempenha um papel relevante?



Chelsea reconhece os privilégios que desfrutou em uma sociedade que frequentemente ignorou suas falhas e erros. Seu reconhecimento desempenha um papel fundamental como um apelo a outros indivíduos brancos para se engajarem na luta contra o racismo. Enquanto isso, seu antigo namorado expressa o medo que sente por ter quatro filhos negros e a certeza de que enfrentarão inúmeras situações humilhantes devido à cor de sua pele. Ele se vê obrigado a prepará-los para as realidades da vida e para os desafios que podem surgir a qualquer momento, simplesmente por causa de sua raça. Sua mensagem é clara: *“Os obstáculos são bem mais difíceis para uma pessoa negra do que para um branco”*.

Não há dúvidas,

Ser branco significa mais do que ocupar os espaços de poder. Significa a própria geografia existencial do poder. O branco é aquele que se coloca como o mais inteligente, o único humano ou mais humano. Para mais, significa obter vantagens econômicas, jurídicas, e se apropriar de territórios dos Outros. A identidade branca é a estética, a corporeidade mais bela. Aquele que possui a História e a sua perspectiva (CARDOSO, 2014, p. 17).

Diante disso, é importante que a discussão sobre as relações étnico-raciais deva ocorrer em diversos âmbitos da nossa sociedade. Idealmente, essas conversas devem se desdobrar nas nossas casas, nas escolas, no ambiente de trabalho, nas universidades e em espaços que proporcionem uma plataforma para ampliar as vozes das comunidades racialmente minoritárias. A jornada de se constituir como um sujeito antirracista começa com o desejo de adquirir conhecimento e compreensão. Isso significa iniciar uma reflexão sobre nossa própria trajetória de vida e até onde estamos dispostos a ir para combater o racismo sistêmico e as desigualdades raciais.

Nesse contexto Denise Carreira coloca:

Ser sujeito branco antirracista passa por se colocar disponível para reconhecer e se construir nessa interdependência; enfrentar o desconforto das conversas sobre o racismo e refletir criticamente como a branquitude se constrói em nossa história de vida, em nossas

"ETNICIDADES, EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS: OLHARES PARA DIFERENTES TERRITÓRIOS"

XIX SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA

VI COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS

VI ENCONTRO DE RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA

VI FÓRUM DE EDUCAÇÃO: LEIS 10.639/03 E 11.645/08, GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL.

VI ENCONTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS

I FESTIVAL DAS ARTES: ANCESTRALIDADES EM MOVIMENTO

CANTINHO DO GRIÔ



relações, nas nossas práticas sociais, nas nossas instituições. Reconhecer que fomos educadas e educados para não nos reconhecermos como pessoas brancas, mas como seres humanos que representam a universalidade humana descorporificada, o padrão, a norma como lugar de poder (CARREIRA, 2018, p. 134).

Assim, estamos diante de um compromisso de longo prazo que demanda a busca constante por conhecimento, a capacidade de questionar a si mesmo de forma contínua e a determinação para agir de maneira persistente. O objetivo é criar um mundo onde a raça não desempenhe um papel definidor nas vidas das pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao assistir a esse documentário, somos confrontados com a realidade do racismo sistêmico e seus impactos na vida das pessoas. Isso nos inspira a repensar nossos sistemas educacionais e abraçar uma abordagem antirracista que valoriza a diversidade, promove a compreensão intercultural e busca eliminar as disparidades que existem nas oportunidades educacionais e na sociedade como um todo.

A obra serve como um lembrete de que a educação é uma ferramenta poderosa para a mudança social e que todos têm um papel a desempenhar na construção de uma sociedade mais justa. Ao incorporar as lições desse documentário em nossas práticas e políticas educacionais, estamos dando passos significativos em direção a uma sociedade mais inclusiva, onde todas as vozes são ouvidas e respeitadas, independentemente de sua origem étnico-racial. Portanto, esse documentário permanece uma fonte valiosa de inspiração e reflexão para a educação e a luta contra o racismo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é Racismo Estrutural?** São Paulo: Jandaíra, 2021.

AZEVEDO, C. M. M. **Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das**

“ETNICIDADES, EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS: OLHARES PARA DIFERENTES TERRITÓRIOS”

XIX SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA

VI COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS

VI ENCONTRO DE RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA

VI FÓRUM DE EDUCAÇÃO: LEIS 10.639/03 E 11.645/08, GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL.

VI ENCONTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS

I FESTIVAL DAS ARTES: ANCESTRALIDADES EM MOVIMENTO

CANTINHO DO GRIÔ

elites – século XIX. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

CARDOSO, Lourenço. **O branco ante a rebeldia do desejo: um estudo sobre a branquitude no Brasil**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2014.

CARREIRA, Denise. O lugar dos sujeitos brancos na luta antirracista. Provocações e Pautas para conversas. **Sur Revista Internacional de Direitos Humanos**. Vol.15 nº 28, 2018.

DIANGELO, Robin. Fragilidade Branca. Revista **Eco Pós**, Rio de Janeiro. v. 21, n. 3, 2018, p. 44.

SCHUCMAN, L. V. **Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulista**. 122f. 2012. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: UFMG, 2010.